

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Curso de Geografia - Licenciatura

MÚSICA E FOTOGRAFIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Bruno Diego Afonso
Orientadora: Prof^ª. Dra. Roselane Zordan Costella

PORTO ALEGRE
2013

BRUNO DIEGO AFONSO

MÚSICA E FOTOGRAFIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Geografia, sob a orientação da Professora Doutora Roselane Zordan Costella.

PORTO ALEGRE

2013



**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DE GEOGRAFIA**

**PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA DE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM GEOGRAFIA**

Estudante:

Comissão Examinadora:

1) Orientador:

2) Prof. Examinador:

3) Prof. Examinador:

Título do Trabalho de Conclusão:

Data da Defesa do TCC:

Conceito:

Parecer da Comissão Examinadora:

Assinaturas dos Membros da Comissão
1)
2)
3)

Ciente do Estudante:

Data:

UFRGS - INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS - COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DE GEOGRAFIA

Av. Bento Gonçalves, n.º 9500 - Bloco 1 - Prédio 43113 - Fone: (051) 3308-6329 - Fax: (051) 3308-7302 -

E-mail: comgrad.gea@ufrgs.br - Caixa Postal: 15.001 - CEP: 91540-000 - Porto Alegre - RS - Brasil.

Resumo

Este trabalho trata a música e a fotografia como instrumentos didáticos no ensino de Geografia, identificando, além da abordagem teórico-conceitual, uma convivência experimental em sala de aula, na qual são abordadas as diversidades de temas do conteúdo de Geografia durante o estágio docente no Ensino Fundamental do Instituto de Educação Flores da Cunha e no Ensino Médio do Colégio Estadual Paula Soares.

A música tem o papel fundamental de servir como um espelho da sociedade e de suas relações com o meio. Suas letras, suas sonoridades, seus instrumentos representam muito além de simples distração e diversão; a música pode ensinar, e pode levar os alunos a vivenciar sentimentos e experiências, de modo que apresenta aos alunos e ao docente uma nova Geografia, que constrói conhecimento.

A fotografia constitui um importante recurso didático, podendo contribuir na formação dos conceitos geográficos básicos e no entendimento das relações socioespaciais, à medida que desperta no aluno o desejo de aprender através da linguagem visual. A leitura da fotografia torna as aulas mais interessantes e prazerosas, levando os alunos a buscarem outras fontes para aprofundarem seus conhecimentos. Portanto, propor a música e a fotografia compreende os diversos gêneros das práticas pedagógicas do ensino de Geografia, criando assim situações em que o aluno sinta-se atraído pelas propostas curriculares e seguro para expor suas impressões sobre temas das aulas.

Palavras-chave: ensino de Geografia; música; fotografia; prática pedagógica; linguagem.

Abstract

The work deals with music and photography as an educational tool in teaching Geography, identifying, beyond the theoretical- conceptual approach, an experimental coexistence in the classroom, which addresses the diversity of topics the content of geography during the teaching internship in the Institute of Education Flores da Cunha and in high school at the State School Paula Soares.

Music has the key role that serves as a mirror of society and its relationship with the environment. Their letters, their sounds, their instruments, tell us far beyond simple distraction and diversion , music can teach , and can lead students to experience feelings and experiences, so that introduces students and teachers to a new geography, building knowledge.

The photograph is an important resource and can contribute to the formation of basic geographical concepts and understanding of socio - spatial relations, as he awakens in students the desire to learn through visual language. Reading the picture becomes more interesting and enjoyable classes, leading students to seek other sources to further your knowledge. Therefore propose the music and photography include various genres of pedagogical practices in the teaching of geography, and creating situations in which students feel safe and attracted by the curricular proposals to explain their views on class topics.

Key words: Geography teaching; music; photography; pedagogical practice; language.

SUMÁRIO

Lista de Ilustrações.....	8
Introdução.....	9
2 Aplicação da Música no Ensino de Geografia.....	12
2.1 Prática com a Música no Ensino de Geografia.....	17
2.2 Resultados da Música no Ensino de Geografia.....	28
3 Aplicação da Fotografia no Ensino de Geografia.....	37
3.1 Prática com a Fotografia no Ensino de Geografia.....	40
4 Linguagem e Comunicação Audiovisual no Ensino de Geografia.....	52
5 Conclusão.....	57
Referências Bibliográficas.....	59

Lista de Ilustração:

Figura 1- Agricultura afetada pela seca.....	26
Figura 2 - A ilustração transmite a ideia de que a maior eficiência dos sistemas de transporte diminui as distâncias; já que o tempo é necessário para percorrê-las, torna-se cada vez menor.....	30
Figura 3 - Sistematização do conceito de território.....	32
Figura 4 - Sistematização do conceito de lugar.....	34
Figura 5 - Quadro “Os Retirantes” do pintor Cândido Portinari.....	36
Figura 6 - Terremoto de 9 graus na costa noroeste do Japão provoca <i>tsunami</i> , e navio carregado pelo tsunami parou na localidade de Kesenuma, em Miyag.....	42
Figura 7 - Homem procura seus pertences em meio aos destroços após o terremoto no Japão.....	42
Figura 8 - Vista de encosta devastada pelo deslizamento na cidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro.....	43
Figura 9 - Moradores enfrentam dificuldades para chegar ao que restou de suas casas e buscar pertences na região serrana do Rio de Janeiro, devido ao deslizamento de terra.....	44
Figura 10 - Fotografias da Enchente de 1941.....	45
Figura 11 - Enchente de 1941 deixou mais de 70 mil pessoas desabrigadas em Porto Alegre.....	46
Figura 12 - No dia 20 de fevereiro de 2013, dois buracos abriram-se na rua Coronel Bordini, em Porto Alegre, por causa da chuva.....	46
Figura 13 - Porto Alegre, 20 de fevereiro de 2013, a Rua São Carlos, no bairro Floresta, também ficou alagada.....	47
Figura 14 - Termômetro marcando 0°C em Canela - RS.....	48
Figura 15 - Fotografia de uma residência domiciliar em Canela com o acúmulo de neve.....	48
Figura 16 - Acúmulo de neve sobre a vegetação próxima à estrada em Canela - RS.....	49
Figura 17 - Parreiral coberto de neve em Canela - RS.....	49

1. Introdução

Como um acadêmico, com pouca experiência de sala de aula, percebi que nem tudo o que aprendemos na universidade pode ser aplicado em sala de aula. A partir da primeira experiência como docente, ao lecionar no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, com o auxílio de materiais divulgados na rede de comunicações que circulam diariamente, percebi que se pode relacionar esse material com o conteúdo de Geografia, facilitando o vínculo com a música e com a fotografia, o que se torna um estímulo para o planejamento de uma aula lúdica.

A proposta do trabalho surgiu com a importância de assegurar aos alunos bons resultados de aprendizado nas aulas de Geografia; para isso, foi realizado um planejamento diferenciado, inserindo a música e a fotografia como práticas pedagógicas, uma vez que são capazes de mostrar sensibilidades que os livros e o quadro, ou até mesmo o diálogo entre professor e aluno, não conseguem.

No século IV a.C., o filósofo Pitágoras percebeu que todas as coisas possuem forma, e formas podem ser descritas por números; então, os números tornaram-se a essência do conhecimento, a porta para um nível superior de sabedoria. Os números, para os pensadores pitagóricos, transformaram-se em uma ponte entre a razão humana e a mente divina. Os conhecimentos dos números serviram para descrever uma experiência sensorial, ou seja, o estudo da mente humana. Em inúmeros rituais do passado e do presente, a música sempre foi utilizada para induzir estados de transe capazes de abrir a percepção da mente. Para os pitagóricos, a explicação para esse poder mágico da música estava nos números.

A música propõe outras possibilidades de trabalharem-se os conteúdos de Geografia, pois suas letras e ritmos trazem consigo sensações vivenciadas pelo autor, que ajudam o aluno a refletir sobre o conteúdo da disciplina articulado com a canção. Podem-se ouvir músicas que representem movimentos sociais, éticos e regionais. As letras musicais podem representar manifestações sociais sobre a valorização da cultura da região. A música pode ser ouvida através dos sons da cidade e do campo, bem como pode expressar a relação do homem com a sociedade ou com a natureza.

A fotografia, por sua vez, auxilia em diversos temas da Geografia, pois possibilita o olhar na paisagem, que leva o aluno a desbravar o mundo além da sala de aula. Utilizada

como recurso didático no ensino da Geografia, a fotografia desenvolve no aluno a sua percepção visual sobre o espaço retratado, mas não substitui os textos ou outras fontes de informações geográficas, contribuindo para fazer o uso de diferentes linguagens. A análise de uma imagem fotográfica contém pistas da realidade segundo o olhar de quem a produziu, cabendo ao professor a tarefa de estimular os alunos a identificarem o significado dos elementos presentes na imagem, que poderão ser revelados através de sua visualização.

A utilização da fotografia como recurso para leitura e compreensão da paisagem torna-se também um poderoso instrumento didático que apresenta resultados significativos para a aprendizagem. A fotografia eterniza uma paisagem com apenas um clique e poderá transformar-se em um objeto de estudo, proporcionando ao aluno o mesmo visual do espaço fotografado.

Os Estágios de Docência em Geografia foram possibilitados pelo Ensino Fundamental do Instituto de Educação General Flores da Cunha e pelo Ensino Médio do Colégio Estadual Paula Soares. Ambas são instituições de ensino público referências no Rio Grande do Sul, que atendem às séries referentes ao Ensino Fundamental E Médio, trabalhando na formação de crianças e adolescentes, visando atender às necessidades de conhecimento de acordo com o exigido pela Secretaria Da Educação para as devidas faixas etárias.

A instituição escolar foi criada para desempenhar a função de comunicar às novas gerações os saberes sociais, produzidos em um determinado momento histórico, que são válidos e relevantes. A comunicação dos conteúdos escolares origina a relação didática, a qual se estabelece entre o aluno, o professor e o saber. Durante o estágio, o professor precisa encarar o desafio de trabalhar com adolescentes, uma fase muito criativa em virtude de, entre outras coisas, ser um período de transformações.

A prática docente depende da elaboração de uma metodologia pedagógica, que se detém na elaboração de um plano de aulas, o qual aborde o conteúdo proposto no planejamento trimestral. A partir da elaboração do plano de aulas, o professor tem que trabalhar fundamentos como habilidades e competências. A prática da docência exige a aplicação de uma metodologia de ensino, na qual o resultado é o conhecimento gerado pelo o aluno.

A sala de aula é o local para testar os métodos de aprendizagem, sendo que, para cada aula, é colocada uma questão de desequilíbrio, a qual os alunos terão como um

desafio e serão motivados a buscar o equilíbrio. Outra forma é a interação, ou o diálogo, que o sujeito estabelece com o objeto, segundo Piaget. O interessante é que o aluno queira ter esse diálogo com o objeto e que o registre no seu caderno.

A aula tem diferentes momentos; no primeiro, é colocada a questão de problematização, na qual o docente cria perguntas que precisam ser respondidas. O desafio de oferecer ao aluno problematizações adequadas, para que alcance sucessos e avance degraus internos, acreditando em si, tendo forças para superar os desafios, é um dos eixos para potencializar aprendizagem a todos os que participam da ação educativa. O segundo momento trabalhado com os alunos do Ensino Médio, a partir dos 15 anos, é através do lúdico e do conhecimento “concreto”. O concreto é o mundo em primeira mão. A aula de dois períodos tem que disponibilizar de, no mínimo, três a quatro momentos para que o aluno aproveite o tempo de concentração que varia entre seis e nove minutos.

Ao planejarmos uma aula, é possível recorrer à Teoria Piagetiana, bem como, ao mesmo tempo, tomar como eixo a comunicação dos saberes culturais e colocar em primeiro plano a construção social do conhecimento, além de atribuir um papel fundamental à intervenção do professor nessa construção.

No estágio do Ensino Médio, é importante a preparação adequada para realizar uma aula de sucesso, ter domínio não apenas da matéria, mas também conhecer a realidade do aluno em sala de aula, para melhor compreender suas necessidades como observador do mundo, do espaço, das culturas e de tudo o que abrange a Geografia. O papel do docente em geografia é conhecer o mundo dos diferentes pontos de vista e possuir o conhecimento adequado para transmiti-lo ao aluno de modo que este se mantenha interessado e instruído.

A sentença de Piaget relativa à criança vale igualmente para o adolescente. A descoberta dos espaços e a análise das relações que ocorrem em seus interiores devem ser exploradas no cotidiano da sala de aula como um conjunto de desafios, de descobertas e, principalmente, como possibilidade de inventar e reinventar a organização do espaço.

2. APLICAÇÃO DA MÚSICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

“A música é celeste, de natureza divina e de tal beleza que encanta a alma e a eleva acima da sua condição”, afirmou o filósofo Aristóteles. A música é a representação de muitas sensações que podemos captar através da sua sonoridade. Se, por um minuto, pararmos para escutar os sons que estão à nossa volta, perceberemos que a música faz parte do nosso cotidiano, que ela é nossa criação quando cantamos, ligamos a televisão ou o rádio. Atualmente, é difícil não encontrarmos música presente nas mídias, pois ela é uma linguagem universal, é utilizada como forma de “sensibilizar” o outro para uma causa de terceiro, porém essa causa vai variar de acordo com a intenção de quem a pretende, seja ela para vender um produto, seja para ajudar o próximo, para fins religiosos, para protestar, para intensificar noticiário, e para tantos outros fins.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino da música tem o importante papel de criar espaço para que os alunos possam expressar-se e comunicar-se através dela, como também promover experiências de apreciação e abordagem em seus diversos contextos culturais, geográficos e históricos. A lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, torna obrigatório o ensino de música na educação básica de escolas particulares e públicas, tendo três anos, a partir de 2008, para adaptarem-se à nova lei.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida. (Brasília, MEC/SEF, 1997, p. 14).

A música não é uma invenção recente; ela existe e sempre existiu como produção cultural, pois, de acordo com os estudos científicos, a partir do período em que o ser humano começou a organizar-se em tribos primitivas pela África, a música era parte integrante do dia a dia dos indivíduos. Acredita-se que a música tenha surgido há 50.000 anos, e que as suas primeiras manifestações tenham ocorrido no continente africano, expandindo-se pelo mundo com a migração do homem. A música, ao ser produzida e reproduzida, é influenciada diretamente pela organização sociocultural e econômica do local, somando ainda as características regionais, naturais e climáticas e o acesso tecnológico, que envolve toda a relação com a linguagem musical. A música tem a

capacidade estética de traduzir os sentimentos, atitudes e valores culturais de um povo ou nação. É uma linguagem local e global.

Há tempos é compreendida a importância da música no desenvolvimento cognitivo do indivíduo. O período da Ditadura Militar reforça essa circunstância, pois nesses anos a educação musical foi excluída do currículo das escolas brasileiras. No entanto, essa realidade está mudando, de modo que o ensino da música integra o currículo das escolas particulares, e agora é obrigatório por lei.

FARIA (2001) define a música como um importante fator na aprendizagem, pois a criança desde pequena já ouve música, a qual muitas vezes é cantada pela mãe ao dormir, conhecida como 'cantiga de ninar'. Na aprendizagem, a música é muito importante, pois o aluno convive com ela também desde muito pequeno.

No momento da gestação, a criança já pode sentir a música, pois nessa etapa desenvolvem-se a percepção e a formação do ser humano. Pesquisas científicas realizadas por instituições renomadas mostram que o aprendizado musical é estimulante no que se refere à cognição, à criatividade e à sensibilidade do aluno.

A música não é somente uma associação de palavras e sons, mas também um meio de conseguir fazer a diferença nas instituições de ensino, pois ela desperta a sensibilidade da mente e do corpo, o que facilita a aprendizagem e também a socialização. Quanto maior for a sensibilidade da criança para o som, mais ela irá desenvolver sua memória e atenção.

O grande desafio é encontrar uma didática que possa ser utilizada na sala de aula, e que se torne interessante para os alunos, de modo que consiga competir com a internet, que torna ultrapassado o método tradicional de ensino. O trabalho do docente é chamar a atenção dos alunos na fase da adolescência, na qual passam por transformações no corpo e na mente, para que se interessem pelo aprendizado da Geografia. Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil RCNEI (1998), a música é uma linguagem de caráter lúdico, e sua utilização pelo professor torna o ensino mais atrativo, já que proporciona momentos de descontração no aprendizado.

A educadora musical Elvira Drummond (2010) defende a importância da música para o desenvolvimento dos hemisférios direito e esquerdo do cérebro. Conforme a autora, essa prática ajuda na ativação dos neurônios, promovendo desenvolvimento motor e social durante o processo de aquisição da linguagem. A educadora afirma que está cientificamente comprovado que a música amplia as redes neurais, o que ajuda no desenvolvimento cognitivo.

O senso crítico do aluno contribui para que a música seja a fonte de transformação do ato de aprender. No entanto, a educação musical na escola deve despertar a sensibilidade musical, o desenvolvimento cognitivo, o afetivo e as relações interpessoais, objetivando o respeito pelas diferentes culturas.

Na concepção de Correia (2010), a inserção de atividades com a música auxilia na aprendizagem e é componente histórico e geográfico de qualquer época, ajudando no estudo de questões sociais e políticas e, para o docente, serve de instrumento didático-pedagógico, auxiliando também na expressão, na comunicação e no desenvolvimento do raciocínio lógico.

A música auxilia na aprendizagem de várias matérias. Ela é componente histórico de qualquer época, portanto oferece condição de estudos na identificação de questões, comportamentos, fatos e contextos de determinada fase da história. Os estudantes podem apreciar várias questões sociais e políticas, escutando canções, música clássica ou comédias musicais. O professor pode utilizar a música em vários segmentos do conhecimento, sempre de forma prazerosa, bem como na expressão e comunicação, linguagem lógico-matemática, conhecimento científico, saúde e outras. Os currículos de ensino devem incentivar a interdisciplinaridade e suas várias possibilidades. (Correia, 2003, p. 84-85).

A possibilidade de outras formas de mídia e meios de comunicação que podem ser usados, juntos ou separadamente (por exemplo, imagens com música, filmes associados às músicas, pinturas e músicas), é uma entre tantas outras alternativas. A linguagem musical existe nos quatro cantos do mundo, e é uma ferramenta pedagógica poderosa na busca de novas formas de ensinar Geografia. A música insere na sua linguagem artística um tempo, uma ideologia, uma paisagem, uma cultura e um universo.

A monografia destacará o papel da música na educação, fazendo com que o ensino da Geografia torne-se mais criativo e diversificado, possibilitando aos discentes a oportunidade de descobrirem universos musicais ainda não explorados, e os quais a indústria musical não promove nas mídias de comunicação, como as músicas que cantam sobre a política, a cultura, a paisagem, os lugares, as regiões e a sociedade.

O professor de Geografia aplica a música como recurso pedagógico, pois ela serve como instrumento de orientação das atividades, já que pode ser utilizada em forma de canção, com letra que venha ao encontro do conteúdo trabalhado, para que, através da sua interpretação, os alunos adquiram conhecimento para relacionar a música com a aula.

A música “Pra não dizer que não falei das flores”, do cantor e compositor Geraldo Vandré, foi censurada no período da ditadura militar e tornou-se um hino de resistência do movimento civil e estudantil. Nessa canção, o cantor contrasta a realidade vivenciada naquele período conturbado. O Refrão "Vem, vamos embora / Que esperar não é saber / Quem sabe faz a hora, / Não espera acontecer" foi interpretado como uma chamada à luta armada contra os ditadores. Eis a letra completa da referida canção:

Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Nas escolas nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Pelos campos há fome em grandes plantações
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
E acreditam nas flores vencendo o canhão

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
De morrer pela pátria e viver sem razão

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Somos todos soldados, armados ou não
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Os amores na mente, as flores no chão

A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

(Geraldo Vandré, 1968)

Como se pode perceber, o compositor utilizou-se de figuras de linguagens como forma de escapar à censura da época da ditadura militar. Em particular interpretação, o trecho “somos todos soldados” denomina igualdade entre os soldados e os civis, colocando-os na mesma hierarquia. E o verso “a história da mão” significa que podemos decidir com nossas próprias mãos o futuro da nação, não repetindo os mesmos erros do passado.

O papel da música no ensino da Geografia é enfatizar e aumentar os interesses dos alunos. As crises políticas da ditadura tornam-se necessárias para que os estudantes entrem em contato com o sentimento daquele período, que para eles ficou no passado. Esse é o papel da música na arte, que não conhece barreiras no tempo, nem no espaço, e faz os alunos sentirem um pouco da ditadura, de maneira que o professor torna o trabalho pedagógico mais descontraído e instigante.

Os professores da área de Geografia podem usar a música de diversas formas, tanto sua letra, quanto seu ritmo, ou mesmo seu compositor, para facilitar o entendimento dos alunos em determinados temas abordados. A música terá a função de trazer às aulas de Geografia novas dinâmicas de aprendizagem, tornando-as mais atraentes e de fácil assimilação. Isso é o que se verificou também em uma vivência experimental em sala de aula, tratando de temas do conteúdo curricular de Geografia nos Ensinos Fundamental e Médio, sobre a qual se começará a tratar no próximo capítulo.

2.1 Prática com a Música no Ensino de Geografia

A proposta pedagógica utiliza-se metodologicamente da música para o ensino de Geografia, tendo como momento de análise o Estágio Docente no Ensino Fundamental do Instituto de Educação General Flores da Cunha e no Ensino Médio do Colégio Paula Soares.

A música foi escolhida como principal instrumento didático por aproximar-se da linguagem contextual dos alunos. Segundo Oliva:

O livro didático de geografia tem algumas especificidades em relação aos livros de outras disciplinas [...] ainda resistem e mantêm um “formato jornalístico” e antiacadêmico. Outra característica é a manutenção de uma linguagem afirmativa – sustentada por verdades absolutas indiscutíveis – marcada por uma incrível simplicidade, que não corresponde à realidade, sempre mais complexa. [...] comete-se a ingenuidade de *naturalizar conceitos* que inadvertidamente frequentam os textos de livros didáticos de geografia. Assim, conceitos viram realidade, dissolvendo-se no interior dela. Outra consequência do formato afirmativo dos livros é o ocultamento das divergências. Com isso retira-se do leitor – no caso o aluno – do fluxo vivo do pensamento, apartando-o da vida real. (Oliva, 1999, p. 40)

A Geografia na escola está ainda associada à utilização do livro didático. Os conteúdos distribuídos nos livros didáticos dividem o mundo em pedaços, divisão entre pobres e ricos, desenvolvidos e subdesenvolvidos, incluídos e excluídos. No entanto, o docente deve modificar esse contexto e abrir espaço para interpretações relacionadas a leituras contextualizadas entre as questões naturais e humanas.

(...) conceitos viram realidade, dissolvendo-se no interior dela. Por exemplo: quem disse que as atividades econômicas dividem-se, naturalmente, em três setores (primário, secundário e terciário)? Esta é uma classificação conceitual, cada vez menos útil e que não traduz a realidade. (Oliva, 1999, p. 40).

São essas informações que causam um distanciamento entre o mundo vivido pelo aluno e o mundo relatado pelo livro didático de Geografia. Por exemplo, os alunos, quando observam a própria cidade e o Brasil em geral, uma vez que não conseguem distinguir relações entre sua cidade e o mundo, levantam opiniões sem consistência, como: “nos

EUA tudo funciona”; “a Europa é um exemplo”; “no Japão não tem pobreza”; ou seja, os termos comparativos reforçam visões equivocadas de senso comum.

Outra questão que agrava esse problema é o peso das informações virtuais da realidade vivenciada pela sociedade, que, através dos avanços tecnológicos da comunicação, recebe grande quantidade de informações divulgadas em curto tempo, porém a maioria não apresenta fontes de consulta confiáveis. A aceleração em larga escala das informações força o aluno a pensar sobre o mundo a partir de parâmetros, que o discurso do livro didático não consegue acompanhar, de modo que dificulta o trabalho do professor na execução das atividades que ajudam o aluno a refletir sobre seu espaço no mundo. Desse modo, a Geografia como disciplina escolar perde a eficiência, como foi colocado por Pereira:

(...) é fundamental que os alunos possam identificar qual a contribuição dos conhecimentos de cunho geográfico para a elucidação do mundo em que vivem. Esse é o problema crucial: desvendar qual a contribuição da geografia para o universo do conhecimento é fundamental por que disso depende a superação do senso comum a respeito de uma disciplina aparentemente inútil e decorativa. (Pereira, 1995, p. 67)

A Geografia tem o papel de levar o mundo aos alunos, de maneira que se modifique a idealização uniforme e deturpada das representações, colocando-o nas relações com o mundo. Nesse sentido, foi resolvido desenvolver atividade de aplicação dos conhecimentos e referenciais geográficos, para que pudessem orientar-se no mundo a partir do lugar em que se encontram.

A localização e a orientação sistematizam a capacidade de ler e interpretar as paisagens através das interações escolares de determinados lugares. No entanto, seria importante criar com os alunos condições para o exercício das diversas possibilidades de percepção do seu entorno, de maneira a não apenas estimular a observação visual, mas também os sons ambientes.

Todos os sons à nossa volta forma o que os estudiosos chamam de “paisagem sonora”. Não podemos vê-la, mas é importante lembrar que ela está sempre presente. “Aguçar a percepção auditiva da criança é o primeiro grande passo para a educação musical”, diz pianista e professora Berenice de Almeida. Por isso, reservar um tempo para escutar a paisagem sonora é um grande exercício. Será que há passarinhos cantando? Carros buzinando? Que elementos compõem a sua paisagem sonora? (Labrada, Isadora Bertolini. Educação Musical.)

A aplicação da música na sala de aula ocorreu no Ensino Fundamental, com a turma de sétima série do Instituto de Educação Flores da Cunha. A abordagem do tema foi dividida em duas etapas. A primeira etapa seria uma introdução ao conceito do território. Esse segmento possibilitou a construção do termo, relacionando-o com a Geografia. O plano de aula tinha um tempo estimado de uma hora. A aula foi organizada do seguinte modo: de início, deu-se a explanação da pergunta motivadora “O Brasil foi descoberto?”. Posteriormente, foi respondido que já existiam civilizações indígenas no continente americano, inclusive no Brasil, e com isso se mostraram os interesses geopolíticos da Coroa de Portugal nesse território. A letra da canção do grupo Palavra Cantada, “Pindorama, de Sandra Peres e Luiz Tatit, foi distribuída em uma folha para os alunos antes de escutarem-na, para que todas as palavras fossem entendidas sem equívoco, bem como algumas questões sobre a sua composição, que direcionam a compreensão dos termos políticos, territoriais, culturais e sociais. Acompanhemos a letra da canção na íntegra:

Pindorama

Pindorama, Pindorama
 É o Brasil antes de Cabral
 Pindorama, Pindorama
 É tão longe de Portugal
 Fica além, muito além
 Do encontro do mar com o céu
 Fica além, muito além
 Dos domínios de Dom Manuel

Vera Cruz, Vera Cruz
 Quem achou foi Portugal
 Vera Cruz, Vera Cruz
 Atrás do Monte Pascoal
 Bem ali Cabral viu
 Dia 22 de abril
 Não só viu, descobriu
 Toda a terra do Brasil

Pindorama, Pindorama
 Mas os índios já estavam aqui
 Pindorama, Pindorama
 Já falavam tupi-tupi
 Só depois, vêm vocês
 Que falavam tupi-português
 Só depois com vocês

Nossa vida mudou de uma vez

Pero Vaz, Pero Vaz
Disse em uma carta ao rei
Que num altar, sob a cruz
Rezou missa o nosso frei
Mas depois seu Cabral
Foi saindo devagar
Do país tropical
Para as Índias encontrar

Para as índias, para as índias
Mas as índias já estavam aqui
Avisamos: "olha as índias!"
Mas Cabral não entende tupi
Se mudou para o mar
Ver as índias em outro lugar
Deu chabu, deu azar
Muitas naus não puderam voltar
Mas, enfim, desconfio
Não foi nada ocasional
Que Cabral, num desvio
Viu a terra e disse: "Uau!"
Não foi nau, foi navio
Foi um plano imperial
Pra aportar seu navio
Num país monumental

Ao Álvares Cabral
Ao El Rei Dom Manuel
Ao índio do Brasil
E ainda quem me ouviu
Vou dizer, descobri
O Brasil tá inteirinho na voz
Quem quiser vai ouvir
Pindorama tá dentro de nós

Ao Álvares Cabral
Ao El Rei Dom Manuel
Ao índio do Brasil
E ainda quem me ouviu
Vou dizer, vem ouvir
É um país muito sutil
Quem quiser descobrir
Só depois do ano 2000 (Tatit, 1996).

A reprodução do som foi feita por um equipamento de áudio da escola. A acústica da sala não era adequada para a proliferação do som, mas a potência do aparelho conseguiu

manter a atenção dos alunos na música, mesmo com barulhos internos e externos da sala de aula.

Após a primeira audição, foi proposta uma discussão sobre a música, sendo direcionada para o tema. Nesse momento, o objetivo era observar se os alunos haviam conseguido relacionar as informações da música com o conteúdo trabalhado em aula. O debate começava pelo professor, tratando das prévias questões, e depois a canção era tocada novamente, mas, nessa segunda vez, com a compreensão dos significados.

Posteriormente, foram escritos no quadro os conceitos de limite, de território e de fronteira para os alunos copiarem. Uma nova pergunta foi realizada “Os limites políticos e fronteiras transformam-se através do tempo ou são imutáveis?”, pedindo exemplos para citar o Brasil atual e o Brasil de antes da chegada dos portugueses.

Através da música, foi possível a construção dos conceitos de fronteira, de limite e de território, enfatizando que a fronteira é uma construção social e histórica. Essa compreensão deve acontecer a partir da análise de situações que ocorrem no mundo. No caso dessa aula, a análise do conceito de fronteira iniciou-se com reflexões a partir da música “Terra à vista”. O estudo dos referidos conceitos é indispensável para a compreensão das dinâmicas do espaço mundial.

A observação do material didático e do trabalho docente convencional com esse tema, no Ensino Fundamental, tem constatado que se trata de um assunto complexo, cuja análise, do ponto de vista geográfico, destaca um sistema de conceitos e necessita do desenvolvimento de habilidades psicomotoras de orientação e localização espaciais. O ensino torna esse conceito uma ferramenta para a análise geográfica do mundo pelo aluno; no entanto, é insuficiente apresentar-lhe um conjunto de conceitos com sua definição pronta, como, por exemplo, o que é território, o que é fronteira e o que é limite. Constatou-se que, muitas vezes, com essa orientação, o aluno “aprende” (ou reproduz verbalmente) todas essas definições que compõem o conteúdo sobre território, acompanhado de inúmeras informações sobre diferentes territorialidades no continente americano e no mundo, mas não consegue utilizá-las para analisar fatos e fenômenos com os quais lida no seu cotidiano, não “aprendendo”, assim, sobre o próprio país em que vive, dado que, na maioria das vezes, nada disso compõe o conteúdo curricular da escola. Sobre essa prática no ensino, comenta Vygotsky:

A experiência pedagógica nos ensina que o ensino direto de conceitos sempre se mostra impossível e pedagogicamente estéril. O professor que

envereda por esse caminho costuma não conseguir senão uma assimilação vazia das palavras, um verbalismo puro e simples que estimula e imita a existência dos respectivos conceitos nas crianças, mas, na prática esconde o vazio. Em tais casos, a criança não assimila o conceito mas a palavra, capta mais de memória que de pensamento e sente-se impotente diante de qualquer tentativa de emprego consciente do conhecimento assimilado. No fundo, esse método de ensino de conceitos é a falha principal do rejeitado método puramente escolástico de ensino, que substitui a apreensão do conhecimento vivo pela apreensão de esquemas verbais mortos e vazios. (Vygotsky, 2001, p. 241)

Na segunda etapa do plano de aulas, realizou-se a relação entre as diferentes escalas de análise, partindo da esfera local para a escala global. A articulação local-global foi a proposta para o raciocínio espacial complexo. A apresentação das escalas diferenciadas contribuiu para os alunos superarem o conceito de obstáculo de região. O dado global, visto como conjunto articulado de processos, relações e estruturas de um dado espaço, tem um significado específico, peculiar em cada lugar; mas esse lugar não pode ser apreendido completamente se não se fizer uma articulação de seu significado com a totalidade da qual faz parte. Contudo, trabalha-se com uma compreensão de interdependência dialética entre local e global, buscando entender os fenômenos na relação parte/todo, concebendo a totalidade como dinâmica.

O espaço não é tangível, se bem que no uso habitual da linguagem entende-se como sinônimo das coisas ou objetos materiais aos quais se refere. É evidente, não obstante, que o espaço não é a casa ou a rua, o campo, as árvores ou a rocha. O espaço os compreende conceitualmente, mas não substitui. Converte-os, isso sim, em objetos espaciais, porque formam parte do que se considera espaço. O conceito de espaço não se identifica a nenhuma realidade empírica ou empiricamente descritiva. (Cavalcanti, 2008, p. 42)

No entanto, a educação geográfica, quando realizada com os conhecimentos da Geografia Escolar, leva em conta que os interesses, as atitudes e as necessidades sociais e individuais dos alunos mudam em decorrência dessa nova realidade espacial. Para que os alunos entendam os espaços de sua vida no dia a dia, é necessário que reflitam sobre um contexto mais amplo e global, do qual todos fazem parte, e sobre os elementos que distinguem o seu contexto local. A letra da canção do grupo Palavra Cantada, “Ora Bolas”, de Paulo Tatit e Edith Derdyk, foi distribuída em uma folha para os alunos antes de ouvirem-na, para que não surgissem dúvidas sobre a pronúncia das palavras na letra, assim como algumas questões sobre o conteúdo que envolvia diferentes escalas, por exemplo, a

local e a global. A exploração da música na aula será detalhada no próximo capítulo. Segue a letra de “Ora Bolas” na íntegra:

Ora Bolas

Oi, oi, oi...
Olha aquela bola
A bola pula bem no pé
No pé do menino
Quem é esse menino?
Esse menino é meu vizinho...
Onde ele mora?
Mora lá naquela casa...
Onde está a casa?
A casa tá na rua...
Onde está a rua?
Tá dentro da cidade...
Onde está a cidade?
Do lado da floresta...
Onde é a floresta?
A floresta é no Brasil...
Onde está o Brasil?
Tá na América do Sul,
No continente americano,
Cercado de oceano
E das terras mais distantes
De todo o planeta
E como é o planeta?
O planeta é uma bola
Que rebola lá no céu

Oi, oi, oi...
Olha aquela bola...
A bola pula bem no pé
No pé do menino... (Tatit, 1996).

Os objetivos eram levar em consideração, portanto, o local do aluno, mas visando propiciar a construção, por parte desse aluno, de um quadro de referências mais gerais, que lhe permitissem fazer análises mais críticas desse lugar.

As canções possibilitaram um recorte no espaço e no tempo, transformando-as em uma ferramenta pedagógica na elaboração de estratégias que objetivavam analisar, discutir e descrever o espaço geográfico.

A aplicação da música no Ensino Médio do Colégio Paula Soares possibilitou desenvolver uma dinâmica reflexiva junto aos alunos sobre a influência das condições climáticas para a população.

A extensão territorial do Brasil permite variações climáticas bem distintas nas suas divisões regionais. E os alunos, com a ajuda dos recursos pedagógicos, poderiam distinguir os fatores que levam à formação do clima específico da Região Nordeste. O objetivo era caracterizar as estruturas que compõem o clima, através da metodologia da utilização da música e das imagens, a qual precisa de aula expositiva e dialogada, a fim de que o aluno compreenda o dinamismo climático. O aluno precisaria entender as massas de ar, bem como conhecer os fenômenos *La Niña* e *El Niño* nessa aula.

A música “Súplica Cearense”, composta por Waldeck Artur de Macedo, regravada pelo grupo O Rappa, retrata as condições da população perante a seca na Região Nordeste, além de evidenciar as questões sociais. No entanto, o primeiro momento tem como principal competência a compreensão das estruturas que formam o clima, e, com isso, identificar as variações climáticas que ocorrem na região. Esse trabalho permite a formação de uma opinião de caráter crítico na visualização de eventos de pequena ou grande escala que envolvem o clima e a população.

Súplica Cearense

Oh! Deus,
Perdoe esse pobre coitado,
Que de joelhos rezou um bocado,
Pedindo pra chuva cair,
Cair sem parar.
Oh! Deus,
Será que o senhor se zangou,
E é só por isso que o sol se arretirou,
Fazendo cair toda chuva que há.
Oh! Senhor,
Pedi pro Sol se esconder um pouquinho,
Pedi pra chover,
Mas chover de mansinho,
Pra ver se nascia uma planta,
Uma planta no chão.
Oh! Meu Deus,
Se eu não rezei direito,
A culpa é do sujeito,
Desse pobre que nem sabe fazer a oração.
Meu Deus,

Perdoe encher meus olhos d'água,
 E ter-lhe pedido cheio de mágoa,
 Pro sol inclemente,
 Se arretirar, retirar.
 Desculpe, pedir a toda hora,
 Pra chegar o inverno e agora,
 O inferno queima o meu humilde Ceará.
 Oh! Senhor,
 Pedi pro sol se esconder um pouquinho,
 Pedi pra chover,
 Mas chover de mansinho,
 Pra ver se nascia uma planta no chão,
 Planta no chão.
 Violência demais,
 Chuva não tem mais,
 Roubo demais,
 Política demais,
 Tristeza demais.
 O interesse tem demais!
 Violência demais,
 Fome demais,
 Falta demais,
 Promessa demais,
 Seca demais,
 Chuva não tem mais!
 Lá no céu demais,
 Chuva tem,
 Tem, tem, não tem,
 E quando tem,
 É demais.
 Pobreza demais,
 Como tem demais!(Falta demais),
 É demais,
 Chuva não tem mais,
 Seca demais,
 Roubo demais,
 Povo sofre demais.
 Oh! demais.
 Oh! Deus.
 Oh! Deus.
 Só se tiver Deus.
 Oh! Deus.
 Oh! fome.
 Oh! interesse demais,
 Falta demais...! (Macedo, Waldeck Artur de. 1960)

Quando chove nessa região, o que raramente acontece, a chuva vem com forte intensidade, devastando tudo pela frente, fazendo a terra virar um dilúvio. E quando não

chove, parece que a terra fica seca sem uma gota d'água sequer. Os Emirados Árabes Unidos apresentam um clima semelhante ao da Região Nordeste do Brasil; no entanto, são mais desenvolvidos economicamente, o que explica o porquê de o clima não ser fator determinante para o crescimento daquele país.

A pergunta motivadora, criada pelo professor, aumenta o interesse dos alunos, por exemplo: “O inverno quente e seco no Nordeste: a culpa é de quem?”. A indagação serve para instigar o aluno e para fazê-lo refletir sobre o assunto, identificando os fatores que influenciam no clima do Nordeste para a ocorrência de secas progressivas e intensificadas. O primeiro passo é informar sobre o Planalto da Borborema, localizado no Agreste, que funciona como bloqueio dos ventos do Leste, impedindo que as massas de ar quente e úmida do oceano Atlântico avancem em direção ao interior nordestino e dificultando a provocação de precipitação no Sertão. A falta de chuva no inverno é intensificada pela presença do fenômeno *El Niño*, que bloqueia as massas de ar fria e úmida que vêm da Região Sul, as quais são responsáveis por enviar chuvas.

Em seguida, durante essa aula, poderia ser utilizada uma imagem da seca, para que a turma tivesse contato com a realidade social vivenciada por parte da população naquela região. Os alunos poderiam descrever a imagem, explicando as causas da ocorrência da seca e suas consequências.

A imagem a seguir mostra a dificuldade enfrentada pelos pequenos produtores rurais. Os grandes proprietários utilizam o sistema de irrigação abastecido com água do poço e dos açudes construídos nas suas propriedades e são incentivados pelo Governo Federal. Os pequenos agricultores, por sua vez, abandonam suas terras na época da estiagem e migram para outros estados em busca de melhores condições de vida; são estes os retirantes.



Fonte:<http://agricultura.ruralbr.com.br/noticia>. – Figura 1- Agricultura afetada pela seca

Essa imagem caracteriza a situação da seca vivenciada pelos locais onde ela ocorre. Retrata o solo, visivelmente infértil, e o homem com a pá, um pequeno agricultor. A imagem e a música propostas em aula têm como tema central a seca. Ao contrário do solo identificado na imagem, visto em regiões de clima semiárido, a cidade de Porto Alegre não apresenta características semelhantes, devido à predominância de um clima subtropical.

Após, o docente deve dirigir a atenção dos alunos para as questões que podem ser observadas na música:

- Quais problemas sociais são encontrados na música?
- Quais as causas dos problemas na região Nordeste?
- Quais conteúdos geográficos podem ser identificados na letra da música?

O docente pode relacionar a música com a questão histórica que evidencia a Guerra de Canudos, que ocorreu no final do século XIX. Nesse período, a situação no Nordeste brasileiro era muito precária. Fome, seca, miséria, violência e abandono político afetavam os nordestinos, principalmente a população mais carente, desencadeando problemas sociais. Essa revolta, ocorrida nos primeiros anos da República, mostra o descaso dos governantes.

Essa situação desencadeou a formação de um movimento messiânico contra a República, que foi liderado pelo beato Antônio Conselheiro, que acreditava ter sido enviado por Deus para acabar com as diferenças sociais e com os pecados dos republicanos, entre os quais estava a cobrança de abusivos impostos. Com essas ideias, conseguiu reunir adeptos que acreditavam que seu líder poderia libertá-los da situação de extrema pobreza.

O grupo musical “O Rappa” aborda nas suas músicas a questão social, falando das mazelas da sociedade, da política e da vida de forma geral. A banda surgiu em 1993 e mistura rock, reggae e samba. Na música “Súplica Cearense”, o autor relembra fatos históricos vivenciados por Canudos no período conturbado de luta contra o Império.

2.2 RESULTADOS DA MÚSICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A incorporação de outras formas de linguagem (ou outras formas de leitura da realidade), como o cinema, a música, a literatura, as charges, a internet. É verdade que a sociedade, em muitos aspectos, assim como a Geografia, tem o papel de acompanhar essa mudança.

A primeira música apresentada aos alunos do Ensino Fundamental foi “Pindorama” (Tatit, 1996), que apresentou propostas para trabalhar a questão territorial. As questões levantadas para que fossem obtidos melhores resultados foram elas:

- 1- O Brasil foi descoberto?
- 2- O que é Pindorama?
- 3- Por que a Coroa de Portugal tinha tanto interesse nesse território?
- 4- Os portugueses tinham interesse em chegar às Índias, então por que eles não deixaram o Brasil?
- 5- Por que o Brasil foi proclamado como território da Coroa de Portugal?

Nessa etapa do trabalho, foram exigidas as respostas escritas no caderno, para que fossem debatidas no decorrer da aula entre os alunos e o professor. O debate não costumava ser proposto na sala de aula, e os alunos não estavam habituados a emitir opiniões e exercerem atividades dessa ordem. No primeiro momento, foi difícil escutar os alunos sobre o que eles tinham entendido da composição da música.

Diante do silêncio da turma, o professor torna-se responsável pela estimulação do debate. A partir desse momento, as frases elaboradas sobre o tema da aula ajudaram o docente, e foram ferramentas pedagógicas essenciais para incentivar a turma à colaboração na discussão do tema da aula. Então, uma frase colocada pelo docente no momento certo causou uma reflexão por parte dos alunos: “a América foi colonizada pelos europeus, incluindo pelos Estado Unidos; no entanto, as suas riquezas foram usurpadas, e seu desenvolvimento foi interrompido, de modo que revoluções foram causadas”. A tarefa de situar os discentes diante de acontecimentos históricos e geopolíticos foi árdua, de maneira que a primeira ação seria a localização e a orientação no mapa mundial, que sistematizaria a questão territorial do continente americano. Nessa etapa, exige-se a organização do conhecimento adquirido através da compreensão da letra musical, como, por exemplo, do refrão:

“(...) Pindorama, Pindorama
É o Brasil antes de Cabral
Pindorama, Pindorama
É tão longe de Portugal (...)”

A análise desse trecho da música possibilitou a compreensão de que, sem as tecnologias que temos hoje, o mundo era grande, pois não se sabia muito além de seu próprio território, não se sabia muito além do horizonte, por causa das dificuldades da troca das informações entre as pessoas. Através das grandes proporções diante do conhecimento do mundo no período dos descobrimentos, e, nesse ponto, o autor da canção cita como exemplo a frase “É tão longe de Portugal”, podem-se verificar as diferentes escalas de distância.

No período das descobertas, a população não tinha suporte tecnológico que atingisse grandes distâncias em pouco tempo. O autor da canção trata da questão histórica e da questão física em relação ao espaço físico com o referencial que se analisa, ou seja, não se vai com facilidade aos outros lugares.

Atualmente, a Terra tornou-se pequena, porque viajamos por ela rapidamente, temos notícias de todas as partes do mundo em tempo real. O tempo gasto para chegar aos outros continentes foi reduzido, com a melhoria dos meios de transporte, além de que hoje não precisamos estar fisicamente em um lugar, basta ligar a televisão, o rádio, a internet e as informações chegam do outro lado ao mundo.

Nos últimos anos, com as mudanças ocorridas no mundo, provenientes do avanço dos meios de comunicação, do desenvolvimento tecnológico e da intensificação das trocas entre os países e continente, instalaram-se as ideias de tempo e de espaços relativos. A velocidade com que a comunicações e as trocas se realizam entre os mais longínquos lugares provoca a impressão de o planeta ter “encolhido” e transforma o espaço no modo privilegiado de pensar e agir no fim do século e princípio do terceiro milênio. (Moraes, 2008, p. 19)

Um aluno participante no debate mostrou interesse e discutiu a questão do tempo e do espaço em relação à música, pois, na sua concepção, o tempo ficou curto, e o mundo tornou-se pequeno. Outra aluna relatou que o mundo tornara-se pequeno porque temos

acesso a novas tecnologias, como, por exemplo, aos veículos de transporte, que são diferentes do que eram antigamente. A seguir a ilustração exemplifica o que a aluna queria explicar:



Fonte: Guibur, André Luiz. Almanaque do estudante extra: geografia. São Paulo: On Line, 2013

Figura 2 – A ilustração transmite a ideia de que a maior eficiência dos sistemas de transporte diminui as distâncias; já que o tempo é necessário para percorrê-las, torna-se cada vez menor.

Muitos alunos ficaram com dúvida sobre a palavra Pindorama, que significa “terra das palmeiras” em tupi-guarani; seria o nome pelo qual os nativos chamavam o Brasil antes das naus portuguesas chegarem a esse território. Pode-se perceber que o autor relata a presença de povos indígenas antes da chegada de Pedro Álvares Cabral, mostrando que o Brasil não foi descoberto, porque já existia povoamento no continente americano.

A questão do território pode ser discutida pelo processo de controle territorial, como herança cultural colonizadora da tradição europeia.

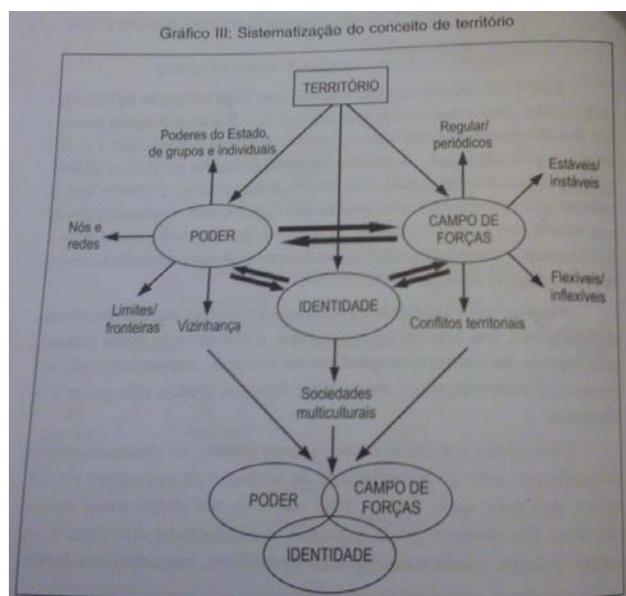
São muitas as formas conhecidas de domínio de território e relações territoriais na história. Nas sociedades comunitárias mais antigas, em geral ainda nômades ou entregues ao semi-nomadismo, o recorte territorial tem uma forma tão vaga quanto o é o seu movimento de territorialização. O processo de ambientação está se realizando ainda e a noção de território está esmaecida. É nas sociedades de classes antigas e modernas, nas quais o Estado surge junto a ele a cidade como um elo de comando necessário, que o território aparece como recorte de domínio de espaço claramente. (Moreira, 2008, p. 91)

O território apresenta mais de uma noção de relações espaciais para sua ocorrência; por exemplo, o sentido de território que delimita fronteiras com traçados rígidos, que se torna necessário para aquelas sociedades que precisam manter o controle sobre uma determinada porção do espaço.

O caso brasileiro, portanto, tal como todo e qualquer processo ocorrido no que veio a ser denominado continente americano, envolve um duplo processo de destruição-construção da ordem territorial, no qual o ato de destruir é a condição básica do próprio existir da colônia. A transformação das sociedades tribais (autóctones ou africanas) em trabalhadores escravos é um outro aspecto de reordenação. O trabalho com objetivos cumulativos é, efetivamente, a única relação social capaz de garantir o desenvolvimento e a consolidação do poder português e isso implicou um processo conjunto de reculturalização e genocídio cuja irracionalidade aparente é, de fato, a racionalidade necessária à redefinição da ordem territorial do pacto colonial – o mesmo poderíamos dizer do genocídio generalizado nas terras espanholas e, mais tarde, nas inglesas. (Santos, 2002, p. 118-119).

O território é considerado um campo de força com múltiplas escalas, que pode ser produzido por meio da apropriação e da ocupação de um espaço por um agente, que pode ser o Estado, uma empresa, um grupo social ou um indivíduo. Além disso, a constituição do território, como relação social associada ao espaço, pode dar-se por longo tempo ou por apenas poucos minutos, tornando-o regular ou periódico. Nesse processo de formação, não se pode desconsiderar um processo simultâneo de identificação, maior ou menor, de grupos ou individual, com aquele “lugar” que está sendo ocupado.

O esquema a seguir possibilita a compreensão da sistematização do conceito de território. O gráfico auxilia o docente na exposição das variáveis que estão envolvidas para o entendimento do conceito de território, como, por exemplo, poder, identidade e campos de força.



Fonte: Lana de Souza Cavalcanti 2008

Figura 3 – Sistematização do conceito de território

No processo de ensino, é necessário considerar o que pensam os alunos sobre território. Na sala de aula, muitas crianças e jovens associam território a um espaço legalmente constituído, como os espaços nacionais, como os países.

Como organização do espaço, pode-se dizer que o território responde, em sua primeira instância, a necessidades econômicas, sociais e políticas de cada sociedade e, por isso, sua produção está sustentada pelas relações sociais que o atravessam. (Almeida, 2005, p. 331-332)

Por outro lado, quando os alunos pensam em seu espaço cotidiano, eles identificam o território como um lugar ocupado, do qual alguém tem a propriedade. Por exemplo: “este é meu território”, “aquele território é de alguém”. Na prática cotidiana dos jovens e das crianças, o território está muito presente; nas brincadeiras, nas ruas, nos espaços públicos e até mesmo nos privados, suas práticas vão tomando uma dinâmica que requer definições territoriais.

É necessário trabalhar com esse conceito no ensino, dispondo de instrumentos teóricos para a reflexão a respeito dos diferentes territórios dos quais os alunos fazem parte, nos quais eles constroem no seu cotidiano, individualmente ou em grupos, não para afirmarem território individuais, não para privilegiá-los, mas para que os alunos possam atuar democraticamente, participando na constituição de territórios da

sociedade de que fazem parte, e para que compreendam os conflitos territoriais de pequena e grande escalas (regionais, mundiais), que caracterizam a sociedade. (Moraes, 2008, p. 55)

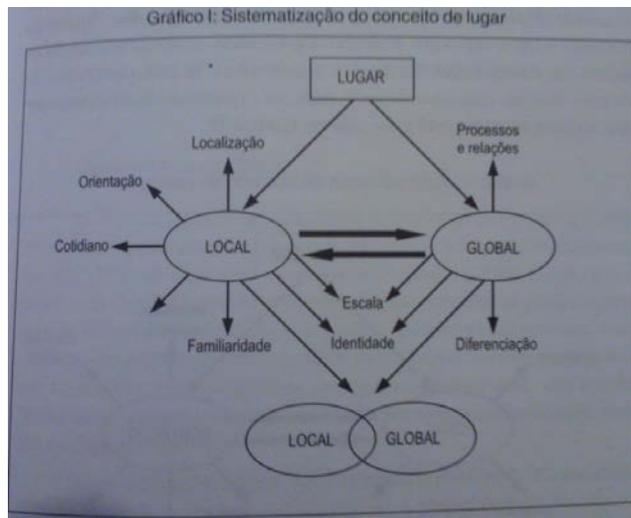
A segunda parte do trabalho com a música na sala de aula também acontece no Ensino Fundamental, porém a música escolhida é Ora Bolas. Nessa letra musical, podem-se evidenciar as tendências geográficas que serão abordadas pelo autor, e que podem tornar-se instrumento pedagógico para a aplicação de conteúdo relacionado com a escala geográfica.

Reafirmação do lugar como dimensão espacial importante: o lugar é a vida cotidiana; o cotidiano é o lugar do desejo, do sentido, contrapondo com a necessidade, a ordem distante. O lugar passou a ser visto como referência necessária, como a escala de análise dos conteúdos do ensino; o ensino da geografia passou a ter como objetivo relevante estudar o lugar para compreender o mundo (Callai 1999, 2001, 2003).

As representações sociais são cada vez mais importantes para pensar, agir e transformar o espaço. A Geografia é a ciência responsável pela organização espacial, porém ela não capacita os indivíduos a pensar e a agir sobre o espaço. No entanto, a Geografia precisa mudar e tornar-se crítica para a explicação da ocupação do espaço.

Na atualidade, praticamente todos os locais da Terra foram visitados e inventariados pelo homem. A Geografia teve um papel fundamental na realização desse inventário das riquezas de cada povo e no fornecimento de informações relativas aos diversos locais do planeta. Mas hoje essa geografia-inventário praticamente perdeu sua função. Se antes era suficiente descrever detalhadamente as características de povos e nações, atualmente os desafios são outros. É preciso explicar a ocupação do espaço. É necessário examinar criticamente a massa de informações sobre o espaço global, regional e local que chegam aos nossos lares, todos os dias, a todo instante. (Moraes, pág. 20, 2008)

A primeira ideia associada a lugar que tem sido trabalhada no ensino pode estar associada a uma representação social desse conceito: é a de um ponto no espaço, pois pensamos imediatamente em um local. Esse elemento do espaço está relacionado a outros mais específicos da localização e da orientação espacial. O esquema a seguir possibilita a compreensão da sistematização do conceito de lugar.



Fonte: Lana de Souza Cavalcanti 2008

Figura 4 – Sistematização do conceito de lugar

Na letra da música “Ora Bolas”, pode-se levar em consideração o que se refere à palavra “onde”, que identifica o objeto ou fenômeno, e leva a outros que têm a ver com referências mais subjetivas dos lugares e mais próprias da experiência vivida no cotidiano, por exemplo:

“(…) Onde está a casa?
A casa tá na rua...
Onde está a rua?
Tá dentro da cidade (...)”

A experiência com alunos, em atividades de ensino, revela que são inicialmente os elementos afetivos, como rua e cidade que dão significado aos lugares. Mas é necessário investir na ampliação desses significados ligados ao eu é vivenciado pelos alunos e propiciar o conhecimento de outros lugares, e a comparação entre eles e seu próprio lugar, juntamente com a observação da diferenciação de condições do “global” em cada lugar, pode fazer avançar a compreensão dos lugares vividos.

O trabalho com a música no Ensino Médio do Colégio Paula Soares aconteceu com a turma de primeiro ano, com alunos na faixa de idade entre os 14 aos 16 anos. A música escolhida foi a “Súplica Cearense”, do grupo musical O Rappa, que contrasta a realidade do sertão nordestino, que sofre com a seca e, ao mesmo tempo, com problemas sociais.

A aula iniciou-se com uma pergunta para a turma, sobre o que influenciava no clima no Nordeste do Brasil, para que ocorressem secas progressivas e intensificadas no período do inverno. Posteriormente, foram relatadas informações sobre o Planalto da Borborema, localizado no Agreste, que impede as massas de ar quente e úmida do oceano Atlântico no avanço em direção ao interior nordestino, dificultando a sua precipitação no Sertão, e sobre o fenômeno do *El Niño*, fazendo ligação com a Região Nordeste, a qual sofre bloqueio das massas de ar fria e úmida que são responsáveis por enviar chuvas. Então, foram expostos dois fatores para a explicação do fenômeno natural da seca no inverno nordestino: a volta do El Niño e o deslocamento do campo da pressão atmosférica da parte africana do oceano Atlântico para o Brasil, o que causa um bloqueio na entrada de frentes frias. Por conta desses dois fatores, o inverno é considerado o mais quente nas últimas três décadas. Alguns alunos ficaram com dúvidas quanto ao deslocamento das massas de ar; então, para auxiliá-los, foram colocados os seus conceitos no quadro.

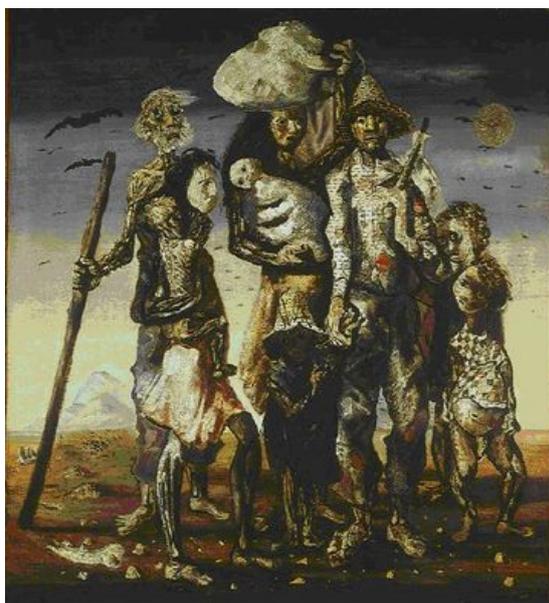
No próximo momento da aula, foram distribuídas imagens da seca do Nordeste para a turma, as quais os alunos têm que descrever, explicando as causas e as consequências para a região. A turma demonstrou interesse pelas condições climáticas.

O trabalho com a letra da música evidenciou a questão da escassez de água com os problemas sociais enfrentados pela população, como mostra o trecho:

“(...) Oh! Senhor,
Pedi pro sol se esconder um pouquinho,
Pedi pra chover,
Mas chover de mansinho,
Pra ver se nascia uma planta no chão,
Planta no chão.
Violência demais,
Chuva não tem mais,
Roubo demais,
Política demais,
Tristeza demais.
O interesse tem demais! (...)”

A música fez com que os alunos refletissem sobre as causas das secas, pois a sua letra apresenta informações sobre a falta de chuva, que consequentemente afeta a

população que necessita de água para sobreviver. A falta dos recursos naturais dessa região incentiva outros fenômenos da Geografia, como, por exemplo, o movimento migratório para as outras regiões, motivo pelo qual os emigrantes são chamados de “retirantes”. O professor pode usar o quadro de Candido Portinari, "Os Retirantes", e, como atividade de aula, solicitar aos seus alunos que façam uma leitura da obra, retratando as suas impressões iniciais.



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000000021/0000017368.jpg>

Figura 5 – Quadro “Os Retirantes” do pintor Cândido Portinari

Portanto, a riqueza de informações analisadas na letra da música e na imagem direcionam para a compreensão dos diversos temas geográficos, tornando-lhes uma eficiente ferramenta pedagógica.

3. APLICAÇÃO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Com a evolução da tecnologia digital, a fotografia atingiu, atualmente, uma popularidade que não poderia ser imaginada há décadas. As fontes tradicionais para a visualização das imagens fotográficas como livros, revistas, jornais e álbuns de família e os recursos da Internet que, através de um clique do mouse, podem disponibilizar na tela do computador milhares de fotografias sobre qualquer tema possibilitam a exploração da riqueza desse recurso.

O enriquecimento das aulas através da leitura visual da fotografia como uma linguagem educacional pode ser utilizado pelos professores de Geografia nos Ensino Fundamental e Médio. O uso da fotografia como proposta no desenvolvimento de planos de aula constituídos por um conjunto de orientações metodológicas auxilia os professores de Geografia dos Ensinos Fundamental e Médio no encaminhamento de atividades que utilizem o recurso da fotografia como uma linguagem visual a ser utilizada para leitura e interpretação do espaço. A fotografia pode ser uma ferramenta pedagógica para a sala de aula, como incentivo para o aprimoramento da reflexão crítica do processo de aprendizagem.

Os PCNs (1999) sugerem que “a Geografia trabalhe com imagens, recorrendo a diferentes fontes de informação e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos”.

É indiscutível o lugar ocupado pela imagem no mundo atual. Sua centralidade na constituição dos significados sobre as coisas do mundo faz com que seja um insight atual na fabricação das nossas subjetividades. Ela está presente em todas as atividades que desenvolvemos, quer fora ou dentro da sala de aula. (Tonini, 2003, p. 35)

Através da experiência docente, foi possível observar que a fotografia constitui um importante recurso didático, contribuindo para a formação dos conceitos geográficos básicos e para o entendimento das relações sócio-espaciais, à medida que estimula no aluno o desejo de aprender através da linguagem visual. A leitura do espaço pela fotografia torna as aulas mais interessantes, incentivando os alunos a buscarem outras fontes para expandir seus conhecimentos.

As imagens dispostas nos livros didáticos muitas vezes não são exploradas de maneira correta pelo docente, pois por vezes elas passam despercebidas pelos olhares dos alunos.

Ler imagens criticamente, pois isso implica aprender como apreciar, analisando ao mesmo tempo a forma como são elas construídas e o modo como operam a construção do conhecimento geográfico. (Tonini, 2003, p. 35).

Na Geografia, a leitura das imagens, dos gráficos e da realidade que nos cerca é fundamental para a prática pedagógica, pois a leitura do espaço modificado pela ação antrópica através da imagem permite uma maior compreensão da realidade e, conseqüentemente, uma maior aproximação dos conceitos geográficos. As fotografias chamam a atenção dos alunos e também possibilitam uma maior compreensão dos fenômenos geográficos, o que seria impossível de alcançar com o uso do giz e do quadro, pois o poder da imagem é mais significativo no processo de ensino-aprendizagem.

As imagens capturadas pela lente da máquina fotográfica divulgam acontecimentos cristalizados momentaneamente, que impressionam e acionam o imaginário dos alunos, e com isso evidenciam os acontecimentos históricos e suas representações espaciais. A escolha da fotografia como a imagem reforça o convencimento do real, entendido como o visual, o visível. A fotografia é a imagem que melhor dispõe a realidade do nosso tempo e, por disponibilizar o real em uma única imagem, está pronta para guardar o fato e o lugar na lembrança, tornando as informações fáceis de serem memorizadas.

A reflexão teórico-metodológica do papel da Geografia enquanto disciplina está comprometida em tornar o mundo mais compreensível, através de leitura e interpretação crítica do espaço, de forma que o aluno possa fazer uma avaliação melhor da realidade em que vive sob a perspectiva de transformá-la. E, com isso, transformando as informações contidas na fotografia em construção do conhecimento geográfico, através da leitura visual, em uma perspectiva de problematização e de modo interdisciplinar.

Portanto, o ensino da Geografia deve abranger diferentes linguagens, oportunizando ao aluno que ele próprio faça sua leitura e interpretação do mundo por aquela que considere mais significativa. Como cita Freire (2003), tem-se o educador que, ensinando, “castra” a curiosidade do educando, que, em nome da eficácia de memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventura-se. Em outras palavras, o professor comprometido com um novo conceito de educação deve

deixar de lado práticas tradicionais restritas à exposição oral, à leitura do livro didático e à memorização, procurando novas metodologias para oportunizar a aprendizagem através de diferentes olhares.

3.1 PRÁTICA COM A FOTOGRAFIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A proposta pedagógica é unir a fotografia ao planejamento da aula no Ensino Médio do Colégio Paula Soares. A proposta do uso da fotografia deve interligar o espaço geográfico, e, para que isso ocorra, é preciso compreensão da dinâmica físico-cultural e da dinâmica humano-social, fazendo com que os conteúdos transitem entre os diferentes níveis de escalas de análise geográfica. Os fenômenos devem ser citados na escala local e, quando possível, relacionados com a realidade global.

A visualização de uma fotografia consiste em observar, analisar e interpretar suas diferentes expressões, atribuindo significados aos diversos elementos que a compõe. A observação é o primeiro passo das atividades que envolvem a leitura de imagem e consiste em procedimentos que visem reconhecer os elementos que compõem a paisagem.

O conceito de paisagem, ainda que não seja específico da geografia, é clássico na constituição dessa ciência, estando tradicionalmente ligado a aspectos de uma área de descrição possível; creio mesmo que hoje se possa destacar o fato de ser paisagem o domínio do visível – a expressão visível de um espaço -, o domínio do aparente, de tudo que nossa visão alcança; o domínio do que é vivido diretamente como nosso corpo, com nossos sentidos – visão, audição, tato, olfato, paladar; ou seja, trata-se da dimensão das formas que expressam o movimento da sociedade. (Cavalcanti, 2008, pág. 51)

O aluno pode observar a fotografia de forma espontânea, ou seja, observá-la sem nenhuma interferência externa. O próprio observador prioriza a observação segundo seus critérios e relata o que mais lhe chamou atenção na fotografia.

A observação dirigida acontece quando se segue um roteiro previamente elaborado com a definição de objetivos, no qual o encaminhamento poderá ser feito com perguntas como: O que a foto está mostrando? Que lugar é este? Em que data ocorreram determinados fatos? Quais formam a paisagem? Quais foram construídos pela natureza? E pelo homem? Quais os que mais se destacam? Quais os que mais se identificam com a nossa região?

A observação dirigida pode ser temática (quando exige um roteiro específico com questões voltadas para um determinado tema) ou geral (quando se trata de conteúdo a ser observado). O professor pode organizar uma atividade de observação dividindo a turma em grupos ou em duplas, em que cada um observará uma imagem por pontos de vistas

diferentes (ambiental, econômico, social, histórico, político etc.). Ao final, o docente pode propor uma discussão para debater o tema.

A observação dirigida também poderá ter caráter comparativo, no qual o observador poderá comparar imagens de um mesmo espaço feito em épocas diferentes para verificar o que mudou. A comparação também poderá ser feita com imagens de locais diferentes, para ver-se o que é peculiar de cada paisagem. A dinâmica pela qual o professor optar para sua aula na atividade de observação poderá resultar na produção de um texto, de um quadro informativo, de um desenho, de relatos dos alunos, de discussão em grupos e tantos outros.

No Colégio Estadual Paula Soares, a metodologia que detém o uso da fotografia como ferramenta pedagógica foi colocada em prática em quatro aulas, na turma de 1º ano do Ensino Médio. A 1ª Aula apresenta como principal objetivo a caracterização das estruturas que compõem a Terra, através da metodologia que utiliza imagens para que o aluno compreenda o dinamismo e o processo de formação do relevo e como este foi construído, uma visão ampliada dos fenômenos da natureza que ocorrem em seu entorno.

A competência desenvolvida busca compreender as estruturas que formam a Terra e estabelece relação com as regiões que correm risco de abalos sísmicos, para a formação de uma opinião de caráter crítico na visualização de eventos de grande escala no nosso planeta, os quais, de certa forma, afetam-nos, como os terremotos. A metodologia consiste na análise de fotografias de cidades que sofreram terremotos; consiste na observação das regiões diferentes em que ocorre o choque entre as placas tectônicas. A pergunta de desequilíbrio: “O Brasil corre o risco de sofrer um terremoto de forte magnitude?” possibilita que o aluno reflita sobre o tema debatido na aula, procurando, com isso, soluções para respondê-la. Como se sabe, o Brasil está em uma área estável da placa tectônica Sul-Americana, que fica afastada da zona de impacto com a placa de Nazca. O movimento divergente é responsável pelos tremores e terremotos. A seguir, fotografias que evidenciam terremotos em outras localidades no mundo, que apresentam danos à população desses territórios.



Fonte: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/mundo/fotos/terremoto-de-9-graus-na-costa-noroeste-do-japao-provoca-tsunami>

Figura 6 - Terremoto de 9 graus na costa noroeste do Japão provoca tsunami, e navio carregado pelo tsunami parou na localidade de Kesennuma, em Miyag.



Fonte: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/mundo/fotos/terremoto-de-9-graus-na-costa-noroeste-do-japao-provoca-tsunami>

Figura 7 - Homem procura seus pertences em meio aos destroços após o terremoto no Japão.

A 2ª Aula tem como objetivo a caracterização das causas determinantes que ocasionam a modificação do relevo da Terra, através da metodologia que utiliza fotografias para que o aluno compreenda o dinamismo e o processo de transformação do relevo, com isso adquirindo uma visão ampliada dos fenômenos da natureza que ocorrem em seu entorno.

A competência pretende desenvolver a compreensão das ocorrências que transformam o relevo de diferentes partes do mundo, identificando as regiões que correm risco de deslizamento e de intemperismo para a formação de uma opinião de caráter crítico na visualização desses fenômenos, que acarretam desastres. Uma pergunta motivadora para o debate pode ser utilizada pelo professor, por exemplo: “Por que são comuns deslizamentos de terra no Rio de Janeiro?”. O aluno identificará as possíveis causas desse fenômeno, como a ocupação das áreas de risco pela população, o desmatamento da vegetação responsável por manter segura a superfície do solo, bem como associar esse fenômeno com as chuvas torrenciais que ocorrem no verão, que são responsáveis pelo processo de erosão do solo. A seguir, fotografias que descrevem os deslizamentos de terra no Rio de Janeiro.



Fonte:<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/fotos/chuva-provoca-deslizamentos-e-destruicao-na-regiao-serrana-do-rio-de-janeiro>

Figura 8 - Vista de encosta devastada pelo deslizamento na cidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro.



Fonte: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/fotos/chuva-provoca-deslizamentos-e-destruicao-na-regiao-serrana-do-rio-de-janeiro>

Figura 9 – Moradores enfrentam dificuldades para chegar ao que restou de suas casas e buscar pertences na região serrana do Rio de Janeiro, devido ao deslizamento de terra.

A 3ª aula na turma do 1º ano do Ensino Médio com a fotografia possibilitou o trabalho com diversos temas de caráter geográfico. O objetivo era caracterizar as estruturas que compõem a atmosfera, através da metodologia que utiliza a fotografia, a qual precisa da aula expositivo-dialogada, para que o aluno compreenda o dinamismo e o processo de formação das camadas da atmosfera terrestre, e, com isso, adquira uma visão ampliada dos fenômenos da natureza que ocorrem em seu entorno.

A competência desenvolvida é a compreensão das estruturas que formam a atmosfera terrestre e a dinâmica climática para a formação de uma opinião de caráter crítico na visualização de eventos de grande escala do nosso planeta, que, de certa forma, afetam-nos, como as enchentes.

A aula inicia com a informação de uma notícia de jornal do dia 20 de fevereiro de 2013, que informa sobre o índice de 74 milímetros de chuva em apenas um dia, em Porto Alegre, comparando-a com a enchente de 1941, evento climático que foi responsável por alertar a população da vulnerabilidade da cidade nos eventos de intensas precipitações. Com a informação divulgada, os alunos podem responder ao professor uma pergunta de desequilíbrio: “Por que Porto Alegre é afetada pela chuva?”

Os alunos que se lembram da chuva do dia 20 de fevereiro de 2013 conseguem relacionar os acontecimentos que marcaram aquele dia, como os engarrafamentos nas principais vias da cidade, por ocorrerem alagamentos. O buraco no asfalto que se formou na Rua Coronel Bordini, o qual quase “engoliu” um carro, e os problemas que provocaram esses danos, como o entupimento das bocas de lobo, que impedem a vazão da água, o alto índice de precipitação naquele dia, que chegou a 74 milímetros, e ficou acima da média, a pavimentação que obstrui a absorção d’água no solo – todos esses são problemas causados pelo excesso de chuva na cidade de Porto Alegre. Essa discussão possibilita que o aluno busque uma solução para esses acontecimentos importunos, como, por exemplo, deixar um espaço entre a calçada e a rua com calçamento que seja capaz de absorver a água, e que a enchente motivou a construção do muro da Avenida Mauá, que tem a função de ser uma barreira física para a contenção da elevação do nível do Lago Guaíba, e sobre como ocorrem diferentes tipos de chuvas, por exemplo, frontais e torrenciais. O professor pode auxiliar com fotografias que possibilitem ao aluno refletir sobre o tema. A seguir, imagens das consequências da chuva em Porto Alegre.



Fonte: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/metroclima/default.php?reg=7&p_secao=12
 Figura 10 - Fotografias da Enchente de 1941.



Fonte: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/03/livro-resgata-historia-da-enchente-de-1941-em-porto-alegre>
Figura 11 - Enchente de 1941 deixou mais de 70 mil pessoas desabrigadas em Porto Alegre



Fonte: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/02/porto-alegre-registra-70-da-chuva-prevista-para-o-mes-em-meia-hora.html>
Figura 12 – No dia 20 de fevereiro de 2013, dois buracos abriram-se na rua Coronel Bordini, em Porto Alegre, por causa da chuva.



Fonte:<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/02/porto-alegre-registra-70-da-chuva-prevista-para-o-mes-em-meia-hora.html> Zero Hora

Figura 13 – Porto Alegre, 20 de fevereiro de 2013, a Rua São Carlos, no bairro Floresta, ficou alagada.

A 4ª Aula tem como objetivo caracterizar as estruturas que compõem a atmosfera, através da exposição de fotografias sobre o tema, para que o aluno compreenda o dinamismo e o processo de formação de neve em relevo de elevadas altitudes, com isso adquirindo uma visão ampliada dos fenômenos da natureza que ocorrem em seu entorno. A competência remete à compreensão das estruturas que formam a atmosfera terrestre e a dinâmica climática, para a formação de uma opinião de caráter crítico na visualização de eventos de grande ou pequena escala do nosso planeta, que, de certa forma, afetam as regiões do nosso território.

Os fatores climáticos para a ocorrência de neve, por exemplo, é um fenômeno atípico no Brasil, devido à maior porcentagem do seu território ficar localizada na zona intertropical. Ocorrem outros tipos de precipitação no Rio Grande do Sul, como a geada e o granizo; a geada difere-se dos outros tipos de precipitação por formar-se a partir do congelamento da umidade na superfície do solo, devido à baixa temperatura. Entretanto, os casos de ocorrência de neve na região Sul acontecem no inverno, na região da escarpa do

planalto; por exemplo, nas cidades de Gramado e Canela, no Rio Grande do Sul, ocorre o fenômeno devido ao deslocamento de uma massa polar fria que atinge a região, que se localiza em alta altitude e pressão atmosférica menor, de modo que apresenta temperatura a 0°C ou abaixo com mais frequência no inverno, atuando com a umidade do ar, de modo que precipita das nuvens os flocos ou cristais de gelo. A seguir, as imagens de neve no Rio Grande do Sul descrevem o fenômeno.



Fonte: Bruno Diego Afonso
Figura 14 - Termômetro marcando 0°C em Canela - RS.



Fonte: Bruno Diego Afonso
Figura 15 - Fotografia de uma residência domiciliar em Canela com o acúmulo de neve.



Fonte: Bruno Diego Afonso

Figura 16 - Acúmulo de neve sobre a vegetação próxima a estrada em Canela - RS.



Fonte: Bruno Diego Afonso

Figura 17 - Parreiral coberto de neve em Canela – RS.

A análise é um procedimento que tem por objetivo a identificação dos significados presentes na imagem ou a explicação sobre o conteúdo do espaço. Na fotografia analisada, estão presentes as relações dos elementos da paisagem ou do seu conjunto.

Na paisagem, esses elementos são classificados como características do relevo, cobertura vegetal, hidrografia e, pela ação humana, por exemplo, cidades, campos de cultivo, estradas e portos. A análise dos elementos naturais pode ser feita sobre as formas de relevo observadas na fotografia com suas características geológicas, entre a vegetação predominante com o clima, o volume de água do rio, com sua bacia hidrográfica ou com o regime de chuvas.

Em relação às estruturas construídas pelo homem, a análise pode ser feita na observação do uso do solo nos campos de cultivo ou nas áreas urbanas com as atividades econômicas, na qual a paisagem natural está sob a intervenção dos interesses políticos ou econômicos regionais, nacionais ou internacionais.

O professor pode problematizar o tema com questões que conduzam os alunos ao debate. O docente deve verificar as deficiências na aprendizagem e encaminhar atividades complementares para auxiliá-los a entender o contexto geográfico retratado no espaço. A interpretação consiste em procurar explicações para os diversos elementos observados, tanto de forma isolada quanto em conjunto, relacionando-os com os conhecimentos geográficos.

A perspectiva da problematização pode conduzir o aluno a reconhecer os significados não visíveis na paisagem, que, no primeiro momento, ficam despercebidos na observação dos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. A fotografia que retrata uma favela pode servir como fonte de pesquisa para identificarem-se as condições de vida da população, como, por exemplo, os aspectos visíveis com as questões habitacionais, ambientais ou de transporte, que são facilmente visíveis, sendo possível fazer uma reflexão sobre outros temas importantes relacionados como a renda, com o desemprego, com a segurança e com as condições sanitárias. Desse modo, o professor terá maior repercussão para aprofundar os conhecimentos dos seus alunos com a linguagem visual.

Uma das tarefas principais da educação é ajudar a desenvolver tanto o conhecimento de resposta imediata como a de longo prazo; tanto o que está ligado a múltiplos estímulos sensoriais como o que caminha em ritmo mais lento, que exige pesquisa mais detalhada, e tem de passar por decantação, revisão, reformulação. Muitos dados, muita informação não significam necessariamente mais e melhor conhecimento. O conhecimento torna-se produtivo se o integrarmos em uma visão ética pessoal, transformando-o em sabedoria, em saber pensar para agir melhor (Moran, 2002, p. 22).

O professor pode desempenhar o papel de mediador do conhecimento, orientando os alunos na formulação de hipóteses sobre o tema, respondendo através de pesquisas complementares e permitindo ao aluno buscar seu próprio saber.

4 LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Ao ouvir um som e ajustar-se a sua origem, a criança, segundo Piaget, acaba tendo um quadro visual interessante. No caso do som da voz humana, a origem será o rosto da pessoa que produz o som, tornando verdadeira a existência das associações simples.

Para Piaget, na sua epistemologia é uma imagem interior, é um veículo do signo que representa o objeto de referência externa. É a possibilidade da mente de transformar o acontecimento externo numa imitação interiorizada, denominando este aspecto de função, denominando este aspecto de função semiótica. (Santaella, 1998, p. 30)

O processo ocorrido na primeira audição faz parte da construção de uma correlação para atribuir um significado à melodia, na qual o sujeito estabelece relações conscientes ou inconscientes sobre eventos que dizem respeito à sua abstração de reflexão, de modo que o aluno desenvolve a capacidade de pensar sobre a música.

Ao agir sobre o material sonoro em forma musical, as coordenações de ações são construídas pelo sujeito, não a partir de ações observáveis e particulares, nem a partir dos observáveis dos objetos, mas sim, em nível mental, a partir das relações conscientes ou inconscientes que realiza entre eventos. Isso ocorre pelo processo de abstração reflexionante: a transposição a um plano mental superior do que foi construído no patamar precedente das ações (Piaget, 1995, p. 6).

A aprendizagem através da música e da imagem, do ponto de vista piagetiano, é um instrumento de expressão dos jogos simbólicos, constituintes do desenvolvimento emocional, correlativamente ao desenvolvimento lógico. Piaget (1954) chama de egocentrismo, quando se refere aos primeiros contatos do sujeito com o objeto desconhecido, relacionando-os o desenvolvimento emocional. Nesse caso, a realidade social a que o sujeito deve adaptar-se impõe leis, regras e meios de expressão. Segundo Piaget, aquilo que é vivido pelo eu, ou seja, os conflitos, desejos conscientes e inconscientes, as alegrias, as inquietações, e tantas outras, de modo que são essas realidades individuais, inadaptadas pelos instrumentos coletivos de comunicação, que optam por outra forma de expressão.

Na música e nas imagens, através de condutas simbólicas (brincadeiras, no caso da criança, por exemplo), o sujeito procura satisfazer seus desejos e adaptar-se aos objetos e aos outros sujeitos, ao mesmo tempo, expressando sua subjetividade, tentando propor o que sente e o que pensa dentro do mundo com realidades objetivas e comunicáveis no universo material e social.

Os jogos simbólicos encontram obstáculos que bloqueiam esse processo lúdico de aprendizagem. Segundo Piaget (1954), os obstáculos estão ligados ao sistema tradicional de educação e do ensino, de modo que a escola propõe o conhecimento pronto e verbal, não estimulando a livre expressão e a criatividade. Desse modo, Piaget (1954, p. 62) argumenta que “são as coações imanentes das subcoletividades que dispõem cada uma de seus meios específicos de pressão: classes sociais, igrejas, família e escola”.

A epistemologia genética piagetiana diante da obra musical está relacionada às perturbações interiores frente às novidades e frente àquilo que é significativo para o sujeito. A reorganização das estruturas mentais, não se dá somente em nível afetivo, já que a assimilação está direcionada ao interesse em buscar novas formas de adaptação. A interlocução entre educação e educação audiovisual dá-se na forma de observação da estruturação da subjetividade.

Segundo Vygotsky (1998), o processamento da informação do cérebro direito é de natureza não-verbal, centrado em aspectos globais da estimulação, como imagens visuais, reconhecimentos de rostos, sons e melodias.

O lado direito do cérebro tem a função de processar as informações que nos capacitam a identificar as coisas de modo integrado, mas de natureza não verbal, como imagens visuais, reconhecimento dos objetos e de sua organização no espaço a partir da forma com que se agrupam e formam um conjunto, verificando como as situações relacionam-se entre si. A percepção de relações leva à descoberta de novas experiências. O lado direito do cérebro é responsável pelas emoções, pelos sonhos, pelas inspirações e pela criação de novos conjuntos de ideias que se combinam quando os gestos com as palavras são insuficientes.

Vygotsky (1988) dedicou-se ao estudo das funções psicológicas superiores, tipicamente humanas. Ao longo do processo de desenvolvimento, o indivíduo deixa de necessitar marcas externas e passa a utilizar signos internos, que constituem as representações mentais e substituem os objetos do mundo real.

Os signos são como marcas externas, ou seja, elementos que representam os objetos, os eventos e as situações. O homem mentalmente nesse estágio capta e opera sobre o mundo: estabelece relações e é capaz de planejar, compreender e associar. No entanto, a capacidade de lidar com representações substitui o real e possibilita ao homem libertar-se do espaço e do tempo presente, ao mesmo tempo efetuar relações mentais na ausência das coisas, imaginar e planejar intencionalmente. Os processos superiores e as representações mentais da realidade exterior são mediadores a serem considerados na relação do homem com o mundo.

Para Vygotsky (2001), tudo inicia-se com a imagem, sendo as imagens representações passíveis de expressar informações contínuas ou espaciais, constituindo a memória visual. As representações de imagens expressam estruturas espaciais da percepção visual. Na linguagem, as imagens, os sons e as ações são transformados em representações mentais, as quais se inserem na construção do conhecimento. A linguagem e a imaginação unem novas representações mentais, sendo essa a trajetória da construção do conhecimento.

As imagens visuais podem ser expressas em quadros, fotografias, reflexos no espelho, sonhos e símbolos, e permitem a lembrança de momentos vivenciados e que podem ter semelhança com outros guardados na memória, de maneira que transformam-se em representações mentais. A imagem tem o poder de tornar presente algo que está ausente e que constitui precisamente uma representação mental.

Vygotsky (2001) também pesquisou sobre o domínio da percepção acústica, como objeto de estudo, para demonstrar que as funções sensoriais produzem-se em uma constante reorganização e que originam estágios sensoriais absolutamente novos. Esses estudos são importantes para esclarecer o processo de formação do sentido musical. Inicialmente, ele argumenta que os sons verbais e musicais constituem sistemas definidos, com componentes e constantes próprios, identificados pelo ouvido humano. O som tem como elementos formadores a altura, o timbre, a intensidade e a duração; desses elementos, o timbre é o componente da constante da linguagem (ouvido verbal), e a altura é o dos sons musicais (ouvido tonal).

A contribuição teórica de Vygotsky e seus colaboradores é importante para superar essa concepção inatista do ser humano, presente principalmente no campo da psicologia e nos sujeitos que constituem a comunidade escolar.

A música e a fotografia foram incentivadas pelas vivências, por fenômenos que chamaram a atenção e que se tornaram eternos na sua sonoridade e na sua imagem. O contexto da aula poderá trazer para o aluno muita curiosidade do que vai acontecer naquelas horas dentro da sala de aula se o professor conseguir dominar a linguagem dele. Na visão do docente, o mundo do aluno deverá girar em torno do conteúdo que ele ensina, e, para o aluno, serão muito importantes aquelas horas, portanto o professor deve manter a atenção deles, associando a Geografia com o cotidiano, mostrando que essa disciplina faz parte da vida de todos, o que muitas vezes eles não se dão conta. A organização do conteúdo pelo docente consegue estimular o aluno a pensar e motiva-o a buscar o conhecimento. O professor tem a capacidade de tornar o conhecimento uma ferramenta útil na vida do aluno, para que ele saia da sala de aula falando que aquela aula mudou a sua forma de pensar e de ver o mundo. O professor tem o papel de educar e de mediar à construção do conhecimento através do que aprendeu na universidade/escola, para que o aluno desenvolva a autonomia do seu próprio conhecimento. A música conseguiu despertar nos alunos novas sensações de sentir o som e de captar novos sentidos. E a fotografia construiu uma nova forma de visualizar uma paisagem, dando vida para um retrato.

No século XXI, pode-se perceber a introdução do conhecimento audiovisual, que pode ser a nova ordem de alfabetização através dos sons e das imagens.

Sem dúvida, a cultura audiovisual teve sua revanche histórica no século XX, em primeiro lugar com o filme e o rádio, depois com a televisão, superando a influência da comunicação escrita nos corações e almas da maioria das pessoas. Na verdade, essa tensão entre a nobre comunicação alfabética e a comunicação sensorial não-mediativa determina a frustração dos intelectuais contra a influência da televisão, que ainda domina a crítica social da mídia de massa. (Castells, pág. 353, 1999)

A proposta da aula com a música para ensinar Geografia mostrou-se eficiente, e foi possível analisar nos rostos e no comportamento dos alunos o envolvimento que a letra e suas notas musicais desenvolveram com a aprendizagem. Muitos alunos cantaram e até mesmo dançaram na sala de aula, de maneira que a música conseguiu passar alegria e conhecimento ao mesmo tempo. A aula fugiu do padrão conservador e mostrou que existe vida no conteúdo de Geografia, que poderia ser descrito na música e em tantas outras formas fora da sala de aula. Os alunos começaram a entender que o autor da música quer comunicar uma mensagem do que ele sente, e que queria compartilhá-la com o público, de modo que cabe ao professor explorar os seus fundamentos geográficos junto com a turma.

A sala de aula torna-se pequena para tantas ondas sonoras, e naqueles instantes ocorria uma troca em conjunto de conhecimento e de novas ideias de enxergar o mundo. O universo da sala de aula com suas paredes pintadas e cartazes colados, com classes rabiscadas de caneta e lápis, fazem parte da existência do aluno, e a aprendizagem mostra muito mais do que troca de experiências entre os alunos e o professor, fazendo o conhecimento geográfico fazer parte da sua convivência.

A proposta de trabalhar com fotografia conseguiu unir o conteúdo de Geografia com a imagem, de forma que a explicação do professor começa a fazer sentido para o aluno através da visualização das fotografias.

Trabalhar com imagem, seu impacto e sua influência na subjetividade é um desafio legítimo e sedutor: a imagem cruza fronteiras, especificidades e bairrismo: possibilita novas formas de buscar o saber num dos mais antigos recursos pedagógicos, e tão disponíveis na escola (Tonini, 2003, p. 43).

Ao distribuir fotografias para a turma, o docente consegue perceber os olhares dos discentes direcionados para todas as formas que preenchem a paisagem na fotografia. O fotógrafo, às vezes, ao revelar uma fotografia, consegue captar os movimentos congelados, que podem explorar os diferentes conceitos da geografia, de modo que esta descreva muitos acontecimentos importantes, como, por exemplo, acontecimentos históricos incluídos nas notícias do jornal, nas reportagens da revista e nos sites da Internet, nos quais podemos sentir as emoções que são demonstradas na imagem. A visualização consegue motivar o aluno a pensar e a refletir sobre diferentes imagens e conceitos. No entanto, o professor tem que instigar o aluno a visualizar a Geografia nas formas e nos conteúdos daquela imagem, desvendando um olhar crítico.

5. Conclusão

O professor defronta-se com a realidade da Geografia escolar e reflete sobre as formas e metodologias pedagógicas para ensinar na visão sócio-construtivista, na qual o aluno é o responsável pela formação do seu conhecimento, e o professor representa o papel do mediador do processo de desenvolvimento da aprendizagem, seguindo nessa linha de pensamento.

A interpretação dada pelos alunos através das aulas de Geografia com o uso da música e da fotografia revela o desenvolvimento do senso crítico e o sucesso dos objetivos propostos por essa metodologia pedagógica, conseguindo relacionar com o seu cotidiano. O uso da interpretação de imagens, em especial a da música como recurso didático, estimula e motiva o aluno, tornando mais significativo o processo ensino-aprendizagem da Geografia.

Várias maneiras diferentes podem ser pensadas para utilizar a música no ensino de Geografia, o que a torna um recurso didático importante no cotidiano escolar. A música possibilitou ao aluno a reflexão sobre valores e hábitos, levando-o a identificar a Geografia que permeia seu cotidiano, ou seja, a Geografia da vida real, que apresenta informações vivas, possibilitando ao indivíduo ser um verdadeiro construtor e modificador do mundo. A música serve-nos como um espelho da sociedade que reflete as suas relações com o meio. As letras, as construções sonoras, seus instrumentos; a música toca-nos além da simples distração e diversão; ela pode ensinar, pode levar alunos a vivenciarem sentimentos e experiências, pode enfim apresentar aos alunos e professores uma nova Geografia.

Já a fotografia precisa ser valorizada no ensino de Geografia, bem como parar de servir apenas como ilustração de textos em livros didáticos, juntamente com outros métodos tradicionais que enfatizam a memorização e a repetição do que é ensinado. É preciso dar lugar a novas metodologias com a utilização de diferentes modelos de linguagens, entre as quais está a visual. A utilização da fotografia estimula a observação e a descrição das paisagens pelos alunos, preparando-os para criarem suas próprias conclusões e elaborarem soluções para problemas da sua realidade, e não apenas como uma ilustração do conteúdo geográfico.

Durante o período de estágio, foi possível observar, dessa vez no papel de docente, que a simplicidade e a objetividade adequadas para cada aula necessitam de um

planejamento, abordando assuntos referentes ao conteúdo proposto no plano anual apresentado pela instituição de ensino, possibilitando o crescimento e o desenvolvimento das habilidades e competências na prática docente.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, M. Geralda. **A captura do cerrado e a precarização de territórios: Um olhar sobre os sujeitos excluídos**. In: Almeida, M. Geralda (org.). *Tantos cerrados*. Goiânia: Vieira, 2005.
- Brasil. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Brasília, DF: MEC/SEF, 2008.
- Brasil. Ministério da Educação e Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. v.3.
- Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- CALLAI, Helena Copetti (1999). **A geografia do ensino médio**. Terra Livre, n. 14. São Paulo, jan-jul.
- CALLAI, Helena Copetti (2001). **A geografia e a escola: Muda a geografia?**, Terra Livre, n. 16. São Paulo, jan-jul.
- CALLAI, Helena Copetti (2003). **O estudo do lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem**, Espaços da Escola, n. 47. Ijuí, jan-mar.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade : ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. São Paulo: Papyrus, 2008.
- CORREIA, Marcos Antonio. **A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação**. Educ. rev., Curitiba, n. 36, 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602010000100010>.
- CORREIA, Marcos Antonio. **Música na Educação: uma possibilidade pedagógica**. Revista Luminária, União da Vitória, PR, n. 6, p. 83-87, 2003. Publicação da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória. ISSN 1519-745-X

DRUMMOND, Elvira. **Contato com a música deve começar na primeira infância.** In. Folha de Londrina, 2010.

Experiência em Sala de Aula. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/648-4.pdf>. Acesso em: 29 de novembro de 2013.

FARIA, Márcia Nunes. **A música, fator importante na aprendizagem.** Assis chateaubriand – Pr, 2001. 40f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LABRADA, Isadora Bertolini. **Educação Musical.** Em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/dicas-educacao-musical-752098.shtml>>. Acesso em: 25 de novembro de 2013

MORAES, Loçandra Borges de. **A cidade em mapas: Goiânia e sua representação no ensino de geografia : conteúdos e metodologia.** Goiânia: E. V., 2008.

MORAN, José M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais telemáticas.** In: Moran, J. M.; Masetto, M. T.; Behrens, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 11-56. (Coleção Papirus Educação)

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço.** São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVA, Jaime Tadeu. **Ensino de Geografia: um retrato desnecessário.** In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Geografia na sala de aula. São Paulo: Contexto, p.34-50, 1999.

Palavra Cantada (Site Oficial) Discografia. Disponível em: <<http://www.palvacantada.com.br/>>. Acesso em: 29 de novembro de 2013.

PCN's. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia.** Brasília: MEC/SEF, 1999.

PEREIRA, Diamantino. **Geografia Escolar – conteúdos e/ou objetivos?** In: Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 17, p. 62–74, jul. 1995.

PIAGET, Jean [1954] **L'éducation artistique et la psychologie de l'enfant**. In: Art et education. Recueil d'essais. Paris: Unesco. Tradução de: Paulo Francisco Slomp e Gisele Fleck. Porto Alegre, 2000.

PIAGET, Jean. **Abstração reflexionante: relações lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PIEROLI, Sarita Maria. **Ditadura Militar no Brasil (pós-64) através da Música: Uma**

[M1] Comentário: Verifica se aqui não foi apagado o resto da referência.

Projeto Palavra Cantada. História. Disponível em: < <http://projetopalavracantada.com.br/home.aspx>>. Acesso em: 29 de novembro de 2013.

Rappa (Site Oficial). Biografia. Disponível em: < <http://www.orappa.com.br/biografia/>>. Acesso em: 29 de novembro de 2013.

Rappa (Site Oficial). Discografia. Disponível em: < <http://www.orappa.com.br/discografia/7-vezes.html>>. Acesso em: 29 de novembro de 2013.

SANTAELLA, L; NÓTH, W. **Imagem, cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 1998.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço – diálogos em torno da construção do Significado de uma categoria**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

TONINI, I. Maria. **Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia**. In: Mercator, ano. 2, n.4, 2003.

VYGOTSKY, L. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

VYGOTSKY, L. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Referências Musicais

VANDRÉ, Geraldo. *Pra não dizer que não falei das flores*. Compacto Simples. Rio de Janeiro: Geraldo Vandré, 1968. (Faixa 1)

TATIT, Paulo; PERES, Sandra. *Pindorama*. Canções de brincar. São Paulo: Palavra Cantada, 1996. (Faixa 1)

TATIT, Paulo; DERDYK, Edith. *Ora Bolas*. Canções de curiosas. São Paulo: Palavra Cantada, 2004. 1 CD-ROM

MACEDO, Waldeck Arthur de (Letra). *Súplica Cearense*. 7 Vezes. São Paulo: O RAPPÁ, 2008. (faixa 7).